

Promessa macabra

Adaptação do conto “Os velhos”, de Coelho Neto

Na encosta agreste da colina chamada de Ventania, a seis léguas da vila mais próxima, agasalhava-se a casa onde, modestos, solitários e felizes, viviam Tomé Sahyra, cesteiro de profissão, e Romana, sua mulher. Ele, entretecendo seus vimes e indo à roça fazer uma limpa ou espalhar a semente, puxar a terra para as raízes mais expostas ou cavar o solo para arrancar a mandioca. Ela, com os cuidados da casa, ora ao fogão, ora a beira do córrego, batendo a roupa, ou tratando das aves e dos porcos ou ateando o lume no forno de barro para fazer sequilhos.

Tinha Tomé Sahyra mais de cinquenta anos mas, ao sol dos campos, era a sombra de um rapazelho, tão magricela e seco era de corpo.

Romana, também magra, anos mais velha que o marido, a cabeça toda branca, a pele enrugada, era todavia forte, de uma saúde rija, e alegre como um pássaro.

Deus abençoava-os vendo-os tão amigos, vivendo sem preguiça, com honra e muita caridade porque, muitas vezes, pobrezinhos que passavam, descobrindo a casinha branca, de tão lindo aspecto, subiam pelo caminho estreito e imploravam, como em um canto triste:

– Pelas santas chagas do senhor dos Martírios, esmola, meu irmão, a um pobrezinho!

E Romana sentava-os à mesa ou, se preferiam, por vexame, ficar à sombra do alpendre, lá lhes levava um prato cheio e frutas tantas quantas quisessem.

Sabedora da virtude das ervas e do valor das rezas que valiam para todos o males, desde o quebranto das crianças até para ajudar a morrer, não raro noite alta iam bater-lhe à porta, pedindo a sua presença junto duma mulher que estava com as dores ou de alguém que se estorcia com os rins tomados, com uma espinhela caída ou com um ar. E ela, paciente, lá ia a pé, alumando o caminho com uma lanterna, a balbuciar orações para afugentar as víboras errantes. E, à cabeceira dos moribundos, o vigário muitas vezes conversava com ela, pedindo-lhe um remédio para a sua erisipela rebelde.

Nada levava por essas misericórdias, mas os pobres, logo que melhoravam, faziam questão de pagar as suas orações e mezinhas, e subiam à colina, como em romaria peni-

tente, levando galinhas, bacorinhos, frutos dos seus pomares ou esmolas para o azeite da Virgem da Conceição. Ela não fazia preço, recusava-se, mas a gente, agradecida, insistia:

– Não senhora, dona Romana. Vancê precisa. Justiça é justiça, vancê trabalha, é natural.

Já Tomé Sahyra, homem de alma ingênua, nascido e criado nos sertões solitários, passara a vida sempre a ouvir lendas de espíritos malignos, casos estranhos de assombramento e de aparições, vinganças de almas e correrias de demônios ou de animais macabros. O velho respeitava todas as narrativas com terror supersticioso e praticava a caridade, mais levado pelo receio do que pelo coração.

Se, à noitinha, da porta da casa, via uma estrela cadente cindir o espaço, erguia-se com respeito e pronunciava sempre a frase protetora: “Deus te guie!”. Isso porque, na sua crença, era uma alma desgarrada que procurava, aflita, o caminho do céu. Se lhe chegava aos ouvidos a gargalhada da coruja, estremecendo, traçava no ar uma cruz, ajuntando: “Pra longe, agouro! Pra longe! Credo!”

E foi depois duma noite dessas que Tomé Sahyra caiu, pela primeira vez, no sono grande. Manhãzinha, estava à porta da casa quando sentiu uma nuvem escurecer-lhe os olhos e uma ânsia de morte no peito. Teve tempo apenas de chamar por Deus e rolou nas pedras, batendo com a frente na quina da soleira.

Romana acudiu logo. Vendo, porém, o seu homem banhado em sangue e prostrado, inerte, vacilou e teria caído sobre ele, se não se agarrasse à ombreira da porta. Mas, forte, reagindo, correu à tina, encheu uma cuia e encharcou a cabeça do caboclo que, sem sentir a água, continuava imóvel, de bruços na terra que um fio de sangue manchava.

A ideia de morte feriu logo o espírito de Romana, mas uma tênue esperança tentava levantar-lhe o ânimo:

– É do choque, coitado! Como perdeu sangue!

Agachou-se e, com força de homem, arrastou-o para a cama, onde o deitou, despindo-o para friccioná-lo com uma infusão de ervas e aguardente do Reino, que ela mesma preparara para os casos de ataque.

Tomé Sahyra, de olhos opacos, não dava sinal de vida: o coração parecia parado, as extremidades esfriavam, a pele ia-se-lhe tornando lívida, baça e enrugada, as órbitas cavavam-se, as maçãs tornavam-se salientes e a boca, entreaberta, deixava ver os poucos

dentes negros do sarro do fumo.

– Nossa Senhora das Dores! Como é que se acaba assim? – suspirava Romana aflita, gritando, indo e vindo pela casa, sem saber o que havia de fazer, de mãos cruzadas diante do leito, lacrimosa e calada, contemplando o companheiro.

Acendeu a lamparina da Virgem, fez promessas, ajoelhou-se e orou devotamente, mas, à tardinha, vendo que o companheiro não despertava, resolveu sair para chamar alguém que a ajudasse a acompanhar o morto durante a noite.

Fechou a porta e ia-se, estrada abaixo, beirando o rio de margens mal-assombradas, quando, atrás de si, ouviu o chamado:

– Roooomana!

Com o coração a pular-lhe, voltou-se e viu, ao longe, à porta da casa, a silhueta do companheiro.

– Eh! Tomé! Estou aqui! – precipitou-se de volta à casa e, efusivamente, comovidos, abraçaram-se os dois. – Então, que foi isso, meu velho, que foi isso?

Enternecida, amparando-o, foi levando-o para o quarto. Tomé sorvia o ar a grandes haustos, tremiam-lhe as pernas e, fraco, deixou-se cair sentado no catre, que rangeu. Romana foi buscar a candeia de azeite, pousou-a no chão. O enfermo, encolhido, enterrara a cabeça no peito e lamentava:

– Ah, Romana, que horror! Não sei que foi que senti de repente. Nem que me tivessem dado uma bordoadada na fonte! Os olhos ficaram logo escuros e me subiu uma coisa pela garganta, que eu nem pude mais gritar. Que horror, minha velha, que horror! Eu vi e ouvi tudo o que você fez. Queria falar e não podia. Queria me mexer e parecia que tinha as pernas e os braços num tronco. No peito era um peso que nem sei...

– E dor?

– Quase não doía, só a cabeça doía uma pouco, mas que aflição! Eu via e ouvia tudo, tudo, tudo! A casa, você... Ouvia o barulho lá de fora, tudo... Mas parecia que eu tinha uma teia nos olhos...

– Você me ouvia? Sabia o que eu estava fazendo?

– Primeiro você chorou, não foi? Depois me agarrou e me levou pra cama. Ah, Romana, que pena eu tive de você, coitada! Depois você me despiu e me esfregou o corpo com uma água e começou a chamar por mim, primeiro baixinho, muito perto dos meus

olhos, e eu estava vendo! Depois, desesperada, com as mãos na cabeça, gritando, e eu estava ouvindo sem poder falar, Romana, sem poder fazer nada! Ah, minha velha, que desesperação!

– E eu, então? Que aflição no meu peito!

– Você saiu um instantinho, andou pela casa. Eu estava ouvindo tudo. Depois você veio outra vez e ficou com as mãos na cama, debruçada, olhando pra mim... E disse “Minha Nossa Senhora!”. Depois você saiu e eu fiquei sozinho, tremendo de medo. Que medo, Romana! Quis gritar, que força que eu fiz, minha velha, mas qual! Duma feita, você estava na sala, me pareceu que eu tinha soltado um grito muito grande. Eu ouvi, mas foi ilusão, porque você estava ali pertinho e, se tivesse ouvido, tinha corrido pra junto de mim...

– Decerto. Não ouvi nada. Você nem bulia com os olhos e estava todo frio!

Tomé Sahyra, com voz pausada, continuou, sem levantar a cabeça, olhando a chama da candeia:

– Fiquei sozinho. Ouvi o rangido da porta a se fechar e depois só os grilos cantando lá fora no campo. Ah, minha velha, que medo! Fiquei falando comigo, por dentro: “Se eu não dou acordo de mim, eles são capazes de me enterrar!” Que aflição! Parecia até que já estavam me atirando terra em cima. Eu sentia o peso, sentia a friagem, sentia o abafamento!

– Nossa Senhora! – exclamou Romana, horrorizada.

– Mas você pensava mesmo que eu estava morto, não pensava?

– Pensava. Se você não tivesse sarado tão depressa eu era mesmo capaz de deixar que enterrassem você.

– Misericórdia, Romana!

– Mas que culpa eu tinha? Você estava como morto.

– Como morto, é verdade.

– Nunca vi ataque assim.

– Também não.

– Você já tinha tido?

– Nunca, foi hoje a primeira vez. Minha mãe, que Deus lhe fale n’alma, também, às vezes, ficava desacordada muito tempo. De uma feita levou mais de meio dia sem dar sinal de vida, mas, coitada, era doente... e bebia. Mas eu, Romana, que sempre fui forte... Nunca vi moléstia assim. E como se sofre! Basta a ideia de a gente ir pro fundo da terra vivo. Que morte ansiada que deve ser,

Nossa Senhora! Que morte agoniada, pouco a pouco... A gente ouvindo os baques da terra, sentindo o peso e a terra entrando pela boca, pelos olhos, pelo nariz, abafando, e a gente sem poder dizer nada, nem gritar. Virgem do Céu, que morte agoniada! E eu sentia tudo, tudo. Quando o vento sacudia a porta eu tremia por dentro e falava no coração: "Aí vêm eles me buscar para o enterro. Aí vêm eles, minha Mãe do Céu!" E rezava, forçando para gritar, mas qual!

– Tomé, isso é doença. Você fica bom, descansa.

– Só tenho medo que volte, Deus me livre!

– Não volta, descansa. É você não pensar mais nisso. Foi um ataque, passou.

Tomé, de mãos cruzadas no peito, esticou-se no catre, fitando o teto. Pensava na morte horrorosa pela asfixia numa cova, com os bichos moles da terra. Seguia imaginariamente o próprio enterro, campo afora até o cercado do cemitério, via os sertanejos descobertos, com os chapéus atirados para as costas, descalços, levando o caixão e ele dentro, imóvel, impotente, carregado vivo para o túmulo!

Romana procurava aliviá-lo:

– Agora, sim, meu velho, estou descansada. Olha que você me fez passar um dia que só Deus sabe! Num lugar como este, onde não há doutor, que é que a gente há de fazer? Aqui só a Providência Divina.

– Se fosse só a moléstia... meu medo era de ser enterrado vivo... Que horror! Ir pra baixo da terra com todos os seus sentidos... mas agora você já sabe.

– Decerto..

– Eu caindo outra vez assim, é esperar, porque o mal passa.

– Agora já sei.

– Meu medo era só da cova, porque o sofrimento não é tão grande assim, é mais a aflição. Querer falar e não poder...

– Que horror!

– Você não pode imaginar o que é, Romana.

– Eu faço ideia.

– Então, eu tendo isso outra vez, você já sabe...

– Já sei, descansa.

– Vem deitar então.

– Já vou. Olha que eu fiz uma promessa a Nossa Senhora de você mandar fazer um

oratório para ela se ficasse bom, ouviu?

– Sim, mando. Mas vem deitar.

Romana abafou o fogo com cinza e desatou a saia. Em camisa, descalça, diante da imagem da Virgem que a lamparina alumiava, fez devotamente a sua oração e deitou-se atirando os braços ao pescoço do caboclo que se encolhia, e, com um arrepio, fazendo-se pequenina, muito aconchegada ao homem, disse:

– Nossa Senhora! Deus me livre de perder o meu caboclo tão bom.

A candeia crepitava no chão.

– Você quer que apague a luz?

– Não, deixa. Assim é melhor.

Caiu o silêncio. Ouvia-se, de muito longe, o correr da água. E Sahyra suspirou:

– Que horror, meu Deus!

– Não pensa mais nisso. Passou, vamos dormir.

E abraçaram-se apertadamente.

* * *

Anos tranquilos passaram e, se alguma coisa perturbava a vida serena dessas criaturas aconchegadas, que envelheciam juntas, dentro do mesmo lar, aquecendo-se à mesma brasa nos invernos, era a ideia insistente de Tomé Sahyra, o medo de ser enterrado vivo, a preocupação da morte no aperto duma cova fria e úmida.

Às vezes, em meio da trança de um balaio, de uma esteira, de redes de palha ou de chapéus, ou fazendo um intervalo do trabalho na roça, inclinava a cabeça em grande abatimento e, de olhos parados, braços em abandono, ficava com o espírito em inércia, numa estagnação de hipnose, sem ideia, sem sentimento, como se uma nuvem densa lhe passasse pela alma, escurecendo-a, e ele recaía sofregamente na ideia do enterro.

Tudo quanto lhe despertava a ideia de morte enchia-lhe o coração de pavor. Caminhando, evitava certa picada que margeava o outeiro, preferindo ir por ele acima cansadamente, vagarosamente, ao sol, magoando os pés no pedregulho, só para não dar com os olhos num cruzeiro tosco cravado entre pedras, sobre as quais havia tocos de velas e pastas de sebo, uma sepultura. Fugia de vê-la desde que, uma tarde, passando perto, descobriu a terra fendida, revolta, e lembrou-lhe que

a vítima, mal ferida, podia ter recobrado os sentidos e lutara desesperadamente, forcejando para sair da cova.

Não se arredava de casa sem dizer a Romana para onde ia: ao mercado, à roça, à horta, à mata. Mesmo ao curral, pertinho, não subia sem avisar: “Estou aqui, Romana. Vou ali, minha velha”, para que, se demorasse, a companheira o fosse procurar, sempre trabalhando pelo pensamento de ser acometido pela moléstia, que nem lhe dava tempo para gritar.

Os terrores de Tomé Sahyra cresciam à proporção que os anos chegavam. Mal permitia a Romana que o deixasse um instante, sempre desconfiado, a ouvir falas, com superstições e agouros, tremendo se um besouro atravessava a sala zumbindo, se um beija-flor estonteado entrava no quarto, se rolas vinham cantar no telhado, se os cães uivavam à noite. Quando o céu enegrecia, carregado de nuvens tormentosas, subia para a cama, embrulhava-se no cobertor, balbuciando, tremendo, orações contra o raio.

Romana irritava-se:

– Você está perdendo o juízo, homem de Deus! Que coisa! É só pensando em morte. Nem que eu tivesse empenho em te enterrar vivo. Até parece caduquice. Pois olha: eu sou mais velha do que você e a minha cabeça está direita, graças a Deus.

Quando os trovões ribombavam, ele, em voz baixa e surda, pedia a Romana que enxotasse os cães. Não queria um só perto de casa porque atraíam aquilo. Não dizia “raio”, receoso de que o fogo do céu acudisse ao nome. Tremia ao estrépito das descargas elétricas e só descansava quando os aguaceiros jorravam copiosamente e as trovoadas distanciavam-se.

la para os sessenta anos. Alquebrado e enfermo, pedia insistentemente um padre. Queria confessar-se e comungar, tinha medo de morrer em pecado.

– Vamos um domingo à igreja, Romana. Não custa. A gente sai daqui de manhãzinha, devagar, e volta antes de escurecer.

– Pois sim – concordava a companheira.

Mas, chegado o dia, ele era o primeiro a queixar-se de dores, fraqueza nas pernas. Tinha, às vezes, crises de choro à mesa, na cama, e respondia desalentado às consolações de Romana:

– Ah, Romana, minha velha, mas não é da morte que eu tenho medo, não é da morte, você

bem sabe...

– Que coisa, homem! Você parece que desconfia de mim!

E ele voltava ao ponto central:

– A gente saber que vai para uma cova vivo, meu Deus! Eu digo de coração: antes acabar na ponta de uma faca!

Queixava-se de dores pelo corpo, de fraqueza nas pernas, que nem para limpar o cafeeiro tinha forças, que os braços já não podiam.

Efetivamente, a plantação, abandonada, murchava ao sol. A erva daninha agarrava-se mortalmente aos ramos, o mato crescia nos canteiros da horta, infiltrava-se pelo cafezal. Já no terreiro apontavam rebentos de vassourinha e os espinheiros nasciam encostados aos muros da casa. Os milhos, já mortos, pendiam ressequidos. O feijão sumira. As aboboreiras ainda lutavam, alastrando-se acima dos arbustos, num desespero de vida, aderindo à leva agreste que vinha matando as sementeiras. O gado pastava sobre os canteiros da horta, transformada em capinzal.

Tomé, sentado tristemente no banco do terreiro, lançava os olhos pela terra em volta, meneando desanimadamente com a cabeça branca à vista da ruína do seu trabalho.

Romana ainda cuidava das laranjeiras mais próximas, mas não se sentia com ânimo de trabalhar de enxada na terra dura, ressecada das soalheiras. Acabou propondo ao marido a venda dos bois e dos carneiros que envelheciam sem utilidade. Tomé deu de ombros, indiferente, e disse-lhe que vendesse. Assim como assim, se haviam de morrer ou fugir... Que vendesse.

E, um a um, partiram todos os animais, deixando em silêncio a várzea e deserta a encosta da colina. Ficaram apenas algumas cabras, os cães e as aves que produziam.

A saudade do trabalho levava, à vezes, Tomé Sahyra a tecer um chapéu, um cesto. Raramente, porém, rematava a obra, caindo em desânimo, a suspirar, de olhos perdidos.

* * *

Junho entrava, frio e tempestuoso. Tomé Sahyra, tiritando, agachado diante das brasas, as mãos estendidas acima do lume, batia os dentes. Romana, arrastando os passos, com uma perna enorme, inchada de erisipela, cuidava da casa, e os dias, regelados e sombrios, passavam monotonamente, quando, uma noite, zunindo fora os ventos, ela acor-

dou, violentamente agarrada na coxa pelos dedos crispados de Tomé Sahyra.

A luz da lamparina bruxuleava. Ela voltou-se no leito, sentou-se assustada e, à meia claridade, viu o companheiro de olhos dilatados, a boca aberta, o rosto contraído, arquejando.

– Tomé! Tomé! Que é que você está sentindo?

Ele agitou a cabeça no travesseiro, rolou os olhos com ânsia, empinou o ventre e, com lábios trêmulos, grugrulejou, com a língua flácida e trôpega, gaguejos soprados, balofos, procurando levantar o braço, que lhe caía impotente e mole. Os dedos, aduncando-se, arrepanhavam os lençóis.

Aterrada, a cabocla saltou da cama descalça e acendeu uma vela. Melhor iluminado, viu Tomé Sahyra arregalar os olhos espavoridos e sacudir-se na cama, emitindo, aos arrancos, um “ahn... ahn...” de choro.

– Tomé! Tomé!

Ele olhava fixamente, a boca aberta, e ela, compreendendo o grande sofrimento que ele não podia exprimir, tolhido como estava, inclinou-se, abraçou-o e falou-lhe com ternura:

– Deixa estar... deixa estar... Já sei o que é, meu velho.

E ele, sempre a gemer agoniado, balançando a cabeça, seguiu com seus gemidos, frouxamente, até que os movimentos foram retardando. Cerrou os dentes, sempre de olhos abertos, os braços estendidos ao longo do corpo.

Romana agarrou-lhe a mão, para confortá-lo:

– Ah, meu Deus, que moléstia! Que moléstia, coitado! Bem que ele desconfiava...

Já o julgava quieto, caído em torpor, quando Sahyra sacudiu-se todo, em estremeção, com um gargarejo áspero, e quedou. As pálpebras foram baixando lentamente. E fecharam-se.

Romana, de pé, assistia, muda, à cena trágica. As lágrimas subiram-lhe aos olhos e, para que o companheiro não a visse chorar, soprou a vela.

Sentou-se à beira da cama, carinhosamente levantou os pés de Sahyra, embrulhou-os no cobertor, cobriu-o com o chalé, endireitou-lhe a cabeça no travesseiro, olhou-o ainda uma vez e saiu para a sala, pé ante pé, suspirando.

A chuva, em borbotões, fazia ruflar as janelas e, na mata, as árvores, abaladas pela

ventania, enchem a noite de estrondoso rumor.

A velha cabocla ajoelhou-se e, de mãos postas, fitando a Conceição, que resplandecia em seu oratório, iluminada pela lamparina, pediu:

– Ah, minha santa Virgem do céu! Pelas chagas de vosso amado filho, pelas vossas sete dores, pelas vossas lágrimas, pelo vosso padecimento no Calvário, tende piedade de nós! Fazei com que ele melhore depressa e eu, mesmo sem vista como estou, prometo bordar um manto para os vossos sagrados ombros...

As lágrimas escorriam-lhe grossas pela face e ela, a cabeça derreada, os cabelos brancos desfeitos, voando em farripas, levantou-se lentamente. E, querendo animar o enfermo, voltou para o quarto, dizendo alto, para que ele ouvisse e descansasse:

– Coitado do meu velho! Deus permita que isto passe até amanhã. Há de passar, tenho fé na Virgem...

Inclinou-se e beijou-o na fronte gelada.

Vibrantemente, através da zoadada do vento na grande noite tormentosa, um galo bateu as asas e cantou.

* * *

Fora-se a noite. Os ventos haviam amainado, uma chuva fina molhava os campos e o frio era áspero.

Romana, sentada à mesa, o rosto nas mãos, fitava o soalho pensando em Tomé que dormia o grande sono, hirto e frio como um cadáver. Duas botijas cheias de água quente aqueciam os pésregelados do caboclo, duas outras esquentavam-lhe os flancos, só o rosto aparecia macilento, cavado, dentre os lençóis e cobertores. De quando em quando, em pontas de pés, ela entrava no quarto, espiando o companheiro. Ficava um instante parada, enternecida, diante do leito, e falava, como se ele pudesse ouvi-la:

– Pobre do meu caboclo, coitado! Vejam só que moléstia! E logo agora, com este tempo frio, sem um bocado de sol...

Beijava-o carinhosamente, sentindo a frialdade da fronte, metia devagar a mão por baixo das cobertas para tomar a temperatura do corpo. Era fria de gelo. Apenas junto às costelas e nas plantas dos pés, os pontos aquecidos pelas botijas, havia calor.

– Ah, meu Deus! Como ele está gelado! Que é que eu hei de fazer? Pois não há de haver um remédio para uma coisa assim? Há de uma criatura ficar esse tempo todo, estendida na cama, como morta, sem comer nem beber e a gente, de braços cruzados, sem poder fazer nada? Se houvesse um doutor... mas quem?

Sem ter comido nada, a velha foi à cozinha e começou a socar o café, enquanto a água fervia, mas com a atenção voltada para o quarto. Feito o café, sentou-se desalentada e esteve largo tempo com a caneca na mão, como esquecida, sem sorver um gole, a olhar vagamente, meneando com a cabeça de vez em vez, a acompanhar o pensamento. Por fim, suspirando, sorveu o café em pequenos goles, lentamente, distraída.

– Há de ser o que Deus quiser. Já fiz tudo que estava em minhas mãos... agora...

Lembrou-se de esfregar o corpo do companheiro com uma infusão forte de gengibre, mas prevaleceu a ideia das botijas, onde a água já estava morna. Foi buscar uma chaleira fumegante à cozinha. Assim, sem que ela parasse um minuto de tomar alguma providência, o dia passou em angustiada expectativa. Ao menor ruído, Romana corria ao quarto, espiava, curvando-se sobre o companheiro, apalpando-o:

– Qual! não esquentá...

À noite, estendeu a esteira aos pés do leito, deitou-se, mas tão preocupada que, de instante a instante, acordando em sobressalto, lançava os olhos à cama. Uma vez mesmo, perguntou:

– Que é? – e levantou-se, mas Tomé continuava rígido.

Amanhecia, raios de sol conseguiram atravessar as nuvens pesadas que forravam o céu. Pássaros surgiam cantando aos montes.

– Agora sim, pode ser que o coitado melhore com o sol.

O dia, porém, passou em esperança, sem que ela se descuidasse das botijas e de cobri-lo. Mas, no fim da tarde, deixou escapar uma frase de dúvida terrível:

– Tanto tempo assim! Da outra vez não levou um dia, num instante ficou bom. Que coisa!

Eram já passados quatro dias, sem que Romana se distanciasse do quarto, quando, ao substituir as botijas, notou certa umidade no corpo de Tomé Sahyra e parou, examinando as mãos, espantada:

– Ué, parece que ele está suando. E é suor mesmo, coitado! Quem sabe se não está

para acordar?

Como os dias eram de sol, ela atribuía ao calor o degelo do sangue e antevia um possível renascimento das forças do companheiro. Alegrou-se e mais se redobrou em cuidados.

– Hoje vai melhorar... vai melhorar...

Apesar da certeza de que ele despertaria nesse dia, a noite estrelou-se sem que Tomé fizesse o mais leve movimento. Romana deitou-se e, em camisa, com o seu rosário, fazia a oração encarada na imagem da Virgem, quando sentiu um cheiro estranho de azedume. Pôs-se a farejar, voltando a cabeça dum para outro lado, aos fungos:

– Que é que está cheirando assim que nem coisa podre? – franzia o nariz, dilatando as narinas. – Isso não passa de arte dos cachorros que devem ter trazido algum bicho morto aqui para dentro – ajoelhou-se na esteira, espiou debaixo da cama, sempre fungando, a murmurar contra os cachorros. – Bichos danados! Foram eles!

Por fim, deitou-se, mas o cheiro impunha-se, insuportável. Cobriu a cabeça, mas nem assim pôde conciliar o sono e levantou-se.

– Pestes de cachorros! Vejam só isto. Não se pode dormir com um fedor assim. Amanhã vocês me pagam!

Tomou a candeia. Vagarosamente, pacientemente, examinou os cantos da casa, espiando debaixo dos móveis, à procura do animal podre que os cães haviam trazido dos matos, sem nada descobrir. Tornou ao quarto e, farejando, concluiu:

– A coisa é aqui. Diabos! Quem sabe se não morreu algum bicho debaixo da casa? Mas como é que eu hei de dar com ele?

Encheu um tacho com brasas, espalhou sobre elas alfazema e açúcar e andou pela casa defumando-a. Feito isso, foi cuidar de Tomé.

– Ainda não, hein, meu velho? – falou, enternecida, junto ao leito.

O quarto, fechado, estava escuro e úmido e o fartum tresandava. Curvou-se e puxava as cobertas quando um enxame de moscas voejou, levantando-se do rosto de Tomé. Enxotou-as, primeiro com a mão, depois com uma toalha, mas os insetos, zumbindo, voavam por perto, voltando logo a assentar. Sem saber mais o que fazer, estendeu um lenço sobre o rosto do adormecido. Depois, mergulhando as mãos por baixo das cobertas, procurou as botijas, mas retirou os dedos apressadamente:

– Querem ver que estão vazando? Que água será essa? – sentia os dedos pegajosos, viscosos, como molhados em goma. Instintivamente, cheirou-os, soprando, enjoada com o fétido que exalavam. – Então! Era coisa podre que estava nas botijas. Eu bem dizia!

Cuspiu e começou a retirá-las todas, com pressa, indiferente à umidade que ia encontrando.

– Eu bem dizia que o cheiro era aqui. Eu bem dizia. Foi bicho que entrou nelas, estavam abertas.

A exalação tornava-se mais forte, saía em grandes bafos por debaixo das cobertas. Romana levou as botijas do quarto, atirando-as pela janela ao terreiro.

A casa fedia. Cuspindo o tempo todo, lembrou-se de mudar a roupa da cama que devia ter ficado suja.

– Mas como ficou a casa tomada, meu Deus! O melhor mesmo é mudar toda a roupa da cama para o coitado não ficar nessa imundície.

Começou a tirar as cobertas, falando sempre:

– Pobre de mim, sozinha com uma coisa dessas.

Quando apenas havia sobre Tomé um leve lençol, agachou-se e, metendo os braços por baixo do corpo, amparando-o pelo tronco e pelas coxas, tentando levantá-lo. O corpo, úmido, mole, vergava. De frio, regelava-lhe os braços. Devagar, com esforço, levantou-o da cama. A cabeça, sem apoio, tombou para as costas. Moscas voavam estonteantemente com azoada soturna. O lenço escorregou, deixando o rosto descoberto.

– Vamos, meu velho, tem paciência.

Com toda a força dos braços, ergueu-o e, agachando-se vagarosamente, já o tinha quase na esteira, ia a dobrar um joelho quando, perdendo as forças, caiu com o corpo, que bateu surdamente no soalho.

– Ah, minha mãe do céu! – apesar de ter ido com a cabeça de encontro à canastra, não se deu por sentida, preocupada com o companheiro. – Coitado! Coitado do meu velho! Vão ver que se machucou. Que caiporismo, meu Deus!

Solícita, querendo ver se o magoara, ajoelhou-se diante de Tomé Sahyra, e, vendo-o de frente, ficou assombrada, de olhos abertos. O rosto do adormecido estava quase todo denegrado. Das narinas apertadas, da boca entreaberta, escorria-lhe uma baba espumosa. Por entre as pálpebras, um líquido fugia, cor de resina. Toda a face exsudava. A cabocla

olhava aterrada. Ergueu-se, lançou os olhos à cama desfeita e viu-a toda molhada no lugar do corpo, exalando putridamente.

Agoniada, com indizível expressão de medo e sofrimento, numa resolução súbita, os dedos incertos, lidou para desabotoar a camisa de Tomé e viu-lhe o peito fundo, o ventre alto, inchado, também coberto de placas arroxeadas, o pescoço quase negro. As moscas zumbiam em enxame, fugindo, voltando teimosamente como se lhe disputassem o companheiro. Ela enxotava-as e, num pavor, olhando o corpo, lamentava-se, torcendo as mãos:

– Como há de ser? E agora? Como há de ser?

Voltou-se para a imagem da Virgem a pedir-lhe conselho e misericórdia mas, aflita, abotoando a camisa do adormecido, pôs-se a limpar a gosma pútrida que lhe escorria das narinas e dos cantos da boca.

– Como há de ser? Eu não sei o que é isso, um mau cheiro assim, essa baba, essa roxidão, e frio, frio... – apalpou-lhe os pulsos. – As veias não latejam mais, o coração parece que não bate, parece que está tudo parado... Eu não sei... pobre de mim! Coitada da gente, meu Deus!

Quedou extática, olhando. De supetão, com voz surda, disse, em arranco:

– Não! Não! Ele falou sempre... pediu sempre. Não! Da outra vez foi assim mesmo, ficou que nem morto. Isso só pode ser da doença... – arquejava, desesperada. – Como há de ser, minha Virgem? Eu nem sei que é que ele tem. Está todo roxo, frio, não bole... E este cheiro assim! Como é que eu vou cuidar sozinha dele neste estado? Mas se eu chamar uma pessoa, há logo de dizer que ele está morto, porque ninguém sabe da moléstia, há de querer que ele seja enterrado... Isso não! Eu prometi. Eu sei que ele acorda. Deus há de permitir... Qual! Se vier gente aqui, eu sei... Não! Ele pediu, há de ser o que Deus quiser. Eu fico com ele. Deus me livre! Para o pobre acordar debaixo da terra e me amaldiçoar? Nem é bom pensar em semelhante coisa. Nossa Senhora! Valha-me Deus! Uma pobre mulher como eu, que não entende de nada...

Olhou para o adormecido e, vendo o corpo coberto de moscas, sacudiu-as freneticamente:

– E esses diabos que não deixam o coitado. Sai, porcaria!

Sacudiu o lençol que arrancara da cama. O mau cheiro desenvolvia-se, e ela, sentindo a umidade viscosa do lençol, precipitou-se para uma toalha e esfregou-se enjoada.

Depois, bateu o colchão e começou a fazer a cama com a roupa limpa, esticando-a muito.

– Seja como for, nem que me custe a vida, eu hei de cumprir até às últimas o que prometi.

Agachou-se diante do corpo, apanhou-o nos braços e, em dois arrancos, procurou levá-lo, mas faltaram-lhe forças. Veio-lhe, então, uma crise de desânimo e de piedade. As lágrimas escorreram-lhe dos olhos, os soluços sacudiram-na.

– Ah, meu Deus, coitado! Meu pobre caboclo! Tão bom... Tão bom e sofrendo tanto...

As lágrimas pingavam sobre o corpo hirto do companheiro.

– Valha-me Deus! Mas eu não posso com ele, o melhor é chamar alguém. Eu conto a moléstia e peço para ficar comigo.

As moscas, assanhadas, perseguiam-na, voando-lhe em torno do rosto, pousando-lhe nos braços, atraídas pelo cheiro do corpo de Tomé Sahyra, que já passara para ela.

– Que perseguição de moscas! Diabos! Ah, minha Nossa Senhora do Socorro... Um homem que nunca fez mal a ninguém, coitado! Até eu chego a pensar que isso foi mesmo coisa feita, nunca vi assim e com esse mau cheiro... Só se algum tumor que ele tem por dentro...

Firmando-se ao umbral da porta, como abalada, de novo as lágrimas jorraram-lhe dos olhos.

– Eu sozinha não posso! Sozinha não posso! Que horror, meu Deus! Também que foi que fiz para merecer tanto? Que foi que eu fiz? Agora, depois de velha assim, meu Senhor, é que hei de sofrer? Tanto, não!

Soluçava, limpando as lágrimas com a manga do casaco, mas o cheiro que tinha no braço causava-lhe nojo. Cuspiu, limpou a boca com a toalha e, sacudida pelos soluços, voltou aos cuidados necessários ao seu velho que sofria tanto.

– Vamos, Tomé.

Agachou-se de novo e, com toda a sua força, levantou o companheiro. Fraquearam-lhe novamente os braços. Então, num esforço supremo, agarrou-o pelo tronco e o foi arrastando, erguendo-o perto do leito até repousar o busto. Levantou-lhe as pernas depois, estendeu-as na cama, arranjando-lhe comodamente a cabeça nos travesseiros. Cruzou-lhe os braços no peito mas, supersticiosamente, para que não parecesse morto, esticou-os ao

longo do corpo e saiu do quarto.

A cinza esfriara no fogão quando Romana, debilitada, foi procurar o boião de café na prateleira. Catou uns gravetos e, ateando o lume, soprou até ver as primeiras labaredas. Tomou, então alguns paus mais secos e levou o boião ao fogo. Mas quando, enchendo a caneca, provou o café, fez uma careta sentindo um cheiro estranho e sabor de coisa podre. Cuspiu, rejeitando a vasilha, enjoada.

– Que horror! A mode que está tudo estragado...

Saiu para o terreiro, mas em toda parte o cheiro perseguia-a como se dela própria partisse. Sentia-o em tudo: nas paredes, nos cantos da casa, nos móveis, nos panos e, mais ainda, o ar tresandava, as folhas das árvores, os frutos, a ervagem, a respiração da mata, tudo exalava fétido, como se a natureza toda apodrecesse voejada pela varejeira de ouro, o sol, que parecia liderar as moscas que zoavam em enxames pela casa.

Romana desceu à grota para lavar os braços. Mergulhou-os na água coalhada de ninfeias, esfregou-os e ali estava perdida em pensamentos quando viu uma sombra resvalar pela terra seca. Levantou os olhos. De asas largamente abertas, baixando, um urubu seguia o rumo da casa. Teve um arrepio:

– E se ele entrar? E se der com o pobre do Tomé, indefeso, sozinho no quarto? E se lhe arrancar as entranhas e os olhos a bicadas? Ah, minha mãe do céu!

Com os braços molhados, levantou-se e, arrastando pesadamente a perna inchada, tentou apressar-se. Em caminho, ouviu o latido furioso dos cães. Ainda de longe, açulou-os:

– Isca, Boca-negra! Pega, Frecha! Isca!

Os cães, ouvindo-a, ladraram com mais furor. Ao chegar ao terreiro, extenuada, logo descobriu a grande ave, negra e sinistra, pousada no beiral do telhado, de asas abertas, imóvel. E os cães raivosos investiam atirando-se à parede como se quisessem subir por ela acima. Romana gritou com o urubu:

– Sai! Chiii! Sai!

Vendo, porém, que a ave continuava impassível, tomou uma pedra e atirou-a ao telhado. O urubu, sem ser atingido, mudou apenas de lugar, caminhando com gravidade e vagar sobre as telhas.

– Sai!

Atirou outra pedra. Alcançada ou apenas espantada, a ave levantou voo, pousou adiante,

empoleirando-se numa árvore, à espreita. Os cães ladravam sempre. Romana, que apanhara outra pedra, deixou-a cair vendo a ave tão alta, mas esconjurou-a.

A tarde caía rosada. Era lua cheia. Romana sentia fome, mas tudo lhe repugnava. O cheiro, cada vez mais forte, dava-lhe tonteiras e náuseas. Foi até o quarto.

– Tomé! Tomé! Meu caboclo! – apertou o nariz para não sentir o mau cheiro. – Tomé! Tomé!

Sempre o mesmo silêncio de morte. Encolheu os ombros, puxou a esteira para a sala, estendeu-a e deitou-se ao luar que entrava pelas janelas.

Os cães uivavam no terreiro tristemente quando ouviu, fora, um forte bater de asas e logo a sinistra gargalhada da coruja. Sentou-se e, fazendo o sinal da cruz, resmungou um esconjuro.

Deitou-se de novo, mas não pôde suportar por mais tempo o fedor e arrastou a esteira para a porta, com resignação.

– Está bem, fico aqui. Isto há de acabar.

Mas o frio foi-se tornando grande, tiritava ao relento e com sono, quando resolveu recolher-se. Puxou de novo a esteira para a sala e deitou-se, cobrindo a cabeça.

Pelas janelas, o ar e a luz pálida entravam juntamente. Romana adormeceu, mas não dormira uma hora quando entrou a contorcer-se, gemendo surdamente, depois alteando a voz até que um grito longo, agudo, lhe saiu do peito oprimido. Acordou e, sobressaltada, sentou-se na esteira, olhando com desvairamento e assombro.

– Oh, que coisa medonha!

Em sonho vira-se coberta de vermes, moles como lesmas. Parte do seu corpo desfazia-se, a carne despegava-se dos ossos e caía ensanguentada, coberta de bichos. Larvas mordiam-lhe o rosto, entravam-lhe pela boca, pelos olhos, pelos ouvidos. Ela debatia-se sem poder livrar-se dos terríveis inimigos e já os sentia na garganta, sufocando-a, quando acordou aflita.

Sorveu o ar com ânsia, mas logo o cheiro horrível reapareceu.

– Ah, meu Deus! Se ao menos eu pudesse fazer alguma coisa para acabar com essa catin-ga... Já queimeei alfazema, foi mesmo que nada. Não passa. Só eu saindo para o terreiro, ali não fede tanto. Aqui dentro não há quem aguente.

Levantou-se, mas estava tão fria a noite que lhe faltou coragem para desabrigar-se. Foi à cozinha, lá também era o mesmo fedor. Lembrou-se do pequeno quarto onde Tomé

guardava as palmas para os cestos. Ali, fechada, talvez não sentisse. Entrou com a candeia fumarenta. Havia montes de cestos, samburás, balaios, alguns chapéus, esteiras enroladas e rolos de trança de palha. Trancou-se por dentro e sentou-se a um canto.

A princípio sentia apenas o cheiro de cipó seco. Pouco a pouco, porém, como se a invasão se fosse dando, lentamente, por baixo da porta, o pequeno quarto tornou-se insuportável.

– Não! Só mesmo lá fora. Não há lugar nenhum aqui dentro. O melhor é andar até que amanheça, dormir não posso.

Acendeu o cachimbo e saiu vagarosamente, cansada, para o luar frio e branco, mas não se animou a afastar-se do terreiro, receando sempre alguma coisa. Sentou-se no banco, cochilando. Ali mesmo, apesar da brisa, o fedor perseguia-a.

– Tudo fede! Que coisa! Não há um lugar para a gente estar. Até as árvores estão com mau cheiro. Deus permita que já chegue a manhã. Eu não posso mais.

Os cães vieram festejá-la, deitaram-se a seus pés, abanando as caudas.

A manhã rompia. Romana cochilava com a cabeça encostada ao tronco de uma laranjeira quando um dos cães ladrou desesperado e um ruflo de asas abalou o silêncio. Ela acordou sobressaltada. Erguendo os olhos, teve ainda tempo de ver um urubu voando para uma paineira próxima. Dois outros passeavam no telhado, outro equilibrava-se no ramo flexível de uma árvore, abrindo e fechando as asas. Voando no alto, um bando deles rondava a casa.

Romana, às pressas, foi examinar a porta que deixara encostada. Achou-a entreaberta.

– Ah, minha Nossa senhora! Eles entraram! Entraram! Danados!

Soltou um grito em desespero e, quase a correr, com tanta agilidade quanta lhe consentia a perna inchada, penetrou no quarto, escancarando a janela para ver melhor. Silêncio. Sobre o rosto do adormecido, as moscas fervilhavam e era só.

Tocou-lhe a fronte fria e, como calcasse sobre a face, sentiu a carne afundando e fazendo a boca expulsar uma espuma fétida.

– Tomé... coitado do meu caboclo...

Acariciou a testa do companheiro e a pele da testa cedeu, revelando uma placa branca.

– Que caipora que sou! Assim, acabo machucando o meu caboclo...

Dobrou um lenço, foi molhá-lo à tina e voltou para o quarto, colocando-o delicadamente sobre a teste de Tomé Sahyra.

– Assim... Isso passa logo. Logo sara, vai sarar...

Fora, os cães ladravam furiosamente. Olhou pela janela. Dois urubus levantaram voo. Mas quantos outros havia perto?

No telhado, um bando deles, imóveis, como de bronze. Um só galho da paineira sustentava três, outros vinham voando de longe, asas abertas, em direção do telhado. Romana, sem poder dominar o medo, de olhos dilatados contava, apontando-as a dedo, as aves negras que sitiavam a casa.

– Um, dois, três... Quantos, meu Deus! Quantos, pai do céu! – incitava os cães. – Isca, isca!

As aves nem sequer se moviam, indiferentes aos cães que ladravam e ganiam.

Romana foi à parede, tirou a espingarda de Tomé, o polvarinho, o chumbeiro, carregou os dois canos e, da janela, fez pontaria, visando um urubu empoleirado no galho da paineira. O tiro partiu e os cães precipitaram-se. As aves, porém, já iam longe, fugindo e um vou-vou surdo sobre o telhado dizia que outros haviam igualmente abalado. Um apenas ficou no galho mais alto da paineira.

Segundo tiro partiu, atroando, sem que o animal se movesse.

– Ah, couro do diabo! – praguejou Romana.

A pólvora restante não dava para nova carga e a cabocla, ameaçada, vendo as aves circularem na altura, como se bailassem de contentamento, antegozando a delícia do repasto, compreendia que todas, em breve, tornariam à casa. Tremeu de medo.

Efetivamente, um urubu desceu sobre o telhado, pousando establanadamente. Depois outro e outro. À paineira, baixaram muitos.

– Ah, minha Virgem! E agora? Como é que eu hei de ficar assim, cercada por esses bichos? Se eles entram aqui, que é que eu sozinha posso fazer?

Resolveu fugir, impelida pelo medo da morte horrível que a ameaçava: ser devorada em vida por aqueles bichos negros que esperavam tranquilamente, vindos de todos os pontos, certos da rendição. Traçou o xale e saiu para o terreiro, fechando a porta por fora. Os urubus lá estavam, sinistramente quietos nos seus postos.

Fraca das constantes vigílias, inanida, mal podia caminhar ao sol e gesticulava desatinada, resmungando. Um urubu, voando, passou acima da sua cabeça. Ela estremeceu num choque de pânico e, tirando o xale, fraldejou-o no ar, enxotando a ave, que já ia longe.

Andava, rezando. Ia buscar o Firmino. Ele sim, era uma boa criatura, talvez lhe prestasse esse favor.

Ia já longe na estrada quando estacou, hesitante:

– E Tomé? E se ele acorda comigo longe? Depois, pediu tanto, eu jurei... Que é que hei de fazer? Se Firmino dá com ele naquele estado?

Voltou-se para o lado da casa e, vendo os urubus no telhado, sentiu novo calafrio de medo. Ficou a olhá-los. Inconscientemente, arrastada por uma força superior à sua vontade, tornou à casa, a murmurar.

– Como é que eu vou fazer isso, se prometi? Não promettesse. Ainda que o Tomé, acordando debaixo da terra, não me amaldiçoe, e a alma? A alma dele? Ué! Antes enfrentar aquilo tudo de bicho preto que tomou a casa. Daquilo eu sempre posso me livrar. Mas se a alma dele vier, hein? Então? Verdade, verdade, eu prometi. Ele pediu, eu prometi. Ué! Então? É assim.

E cantarolou ao sol, compondo o xale.

– Ué, eu não – foi-se caminho acima e, como se não lhe pesasse a perna, seguia apressada. – Pra quê? Aquilo foge. A gente espanta, aquilo foge e a alma? Alma não vê. Fica perto da gente gemendo, gemendo... Alma sim, isso sim. Depois eu prometi. Ele pediu, eu jurei. Fico lá, vou pra lá. Ora! Eu jurei. Ele há de se levantar. A semente não fica no fundo da terra uma porção de tempo? Fica. Morre? Não morre. O lagarto não dorme, não muda a pele, não acorda quando o sol vem? Então! Ele há de acordar. Por que não há de? Já não se levantou duma feita? Ué! Promessa é promessa, quem jura, jura. Eu não. A outra não ficou maluca? Por quê? Porque fez uma promessa e esqueceu. Que é que faz agora? Corre o mundo pensando. Eu não! Nunca fui disso, mesmo no tempo de moça nunca quebrei juramento.

Riu de novo, levando a mão à boca como para conter alguma palavra indiscreta. Séria, de repente, parou e disse, batendo no peito magro com a mão espalmada:

– Eu? Dizer uma coisa e fazer outra? Misericórdia! Não sou disso, não. Então como é? – agachou-se e bateu a mão no chão. – Está dormindo aqui? Dorme. Está deitado? Fica.

Que é que tem? Deus nosso senhor é pai. Ele está lá em cima. Pensa que não vê? Vê tudo! Escuta tudo! Ora! Que é que tem? Vamos embora. É assim mesmo, então eu não sei? Ué! Como não? É assim mesmo. Vamos embora.

Seguiu.

O sol dava-lhe de chapa na cabeça esguedelhada. Com os olhos de um desusado brilho, nem mais se preocupava com os urubus. A delirar, seguia, ora sorrindo, ora franzindo o rosto, acusando na fisionomia as várias e múltiplas versatilidades do pensamento. Diante da casa, deteve-se. Os urubus andavam no terreiro com mesuras, vagarosos, desajeitados. Ela investiu com eles, sapateando e todos voaram ganhando as árvores e o telhado. Riu às gargalhadas, dobrando-se com as mãos nas coxas:

– Galinha preta! Galinha preta! Vem cá dentro, galinha preta – escancarou a porta e convidava os urubus. – Entra, vem cá dentro, galinha preta! – franziu o nariz, atirou uma cusparada. – Cruz! Que cheiro!

Sentou-se na soleira da porta e derreou a cabeça sobre o peito. Um urubu pousou no terreiro. Ela levantou os olhos e olhou-o tranquilamente, sem cuidado, sem medo, puxando as farripas brancas do cabelo desgrenhado. A ave, parada, olhava-a receosa, mas avançou lentamente. Outro baixou, outro ainda, e o vou-vou de asas não descontinuava.

Romana, alheia a tudo, esfiava o cabelo. Mas um dos animais, num pulo, aproximou-se. Ela, então, arregalando os olhos, fitou-o. Ergueu-se lesta, escancarando os braços entre os umbrais da porta, defendendo a entrada, a gritar desesperadamente.

– Sai! Sai! Sai! Que é, galinha preta? Sai! – e atirava pontapés, sapateava frenética, voltando, de instante a instante, a cabeça para dentro, desconfiada de que algum houvesse penetrado. – Sai! Sai! Cruz! Credo!

Subitamente, num arrojo de audácia, avançou. As aves recuaram, algumas fugiram em pequenos voos, metendo-se nas moitas. Outras treparam nos galhos baixos das laranjeiras.

– Sai! Sai!

Atirou pedras, espantando-as, mas tornou à porta, recuando, sempre de frente para os urubus. Ganhando a soleira, abriu os braços e riu. Depois, cantarolando baixinho, desafiou:

– Agora vamos ver! Vamos ver!

Foi recuando devagarinho e, quando se viu na sala, gritou para as aves que vinham

chegando:

– Choooo! Galinha preta! – e bateu com a porta violentamente.

* * *

Foram os urubus que denunciaram o drama sinistro da casa da colina. Já no povoado corriam murmurações e conjecturas sobre a ausência dos velhos, quando um campeiro, buscando um boi que tresmalhara, chegou à vista da casinha, muito branca na encosta como uma flor entre folhas, e parou, boquiaberto, vendo-a fechada e coalhada de urubus que bailavam no telhado, no terreiro, voejavam de ramo em ramo, e bicavam a soleira da porta como se batessem, querendo entrar.

– Uai! Que mundo de bicho é esse em casa de nhá Romana? – vagorosamente, por entre as ervas altas e duras, ainda molhadas de orvalho, foi-se aproximando e, ainda longe, sentiu um cheiro horrível. – Eh! Eh! Uhum! A mode que tem coisa podre aí. E tem! Isso de urubu é carniça.

Subiu mais, pé ante pé.

Um dos urubus, descobrindo-o, voou, e todos, assustados, abalaram com um forte vou-vou de asas. Não se distanciaram entretanto, buscaram as árvores mais próximas e, pousados, como para se aquecerem ao sol, abriram largamente as asas negras.

O campeiro deu volta à casa apertando o nariz, incomodado com a exalação pútrida. Experimentou uma das janelas, empurrando-a, depois a porta: fechadas.

– Mas que tem coisa podre lá dentro, isso tem... – encostou a boca ao buraco da fechadura e chamou. – Nhá Romana! Nhá Romana! Eh, gente!

Com o cajado, socou a porta. O eco, ao longe, tatalava. Passou aos fundos da casa, sempre a chamar:

– Tio Tomé! Nhá Romana! Ó de casa!

Ficou impressionado, a olhar em volta num assombro.

O silêncio era grande. Os urubus chegavam, um a um, para o telhado, para o terreiro coberto de folhas secas que estalidavam sob os pés das aves vagarosas. O campeiro fez o sinal da cruz.

– Ninguém responde... A casa toda fechada... pra dizer que eles saíram? Mas esse cheiro

de coisa podre... E os urubus? Quem sabe se não mataram a eles? – e a ideia de um crime fixou-se no espírito do rústico. – Não pode ser outra coisa. De doença não foi... Ah, mas quem seria? Gente daqui não, isso não! Gente daqui, não! – aflito, decidiu-se. – O jeito é arrombar a porta.

E, sem esperar mais, meteu o ombro à porta, que foi dentro com estrondo.

Um bafo pútrido fê-lo recuar, enjoado.

– Nossa Senhora! E que de moscas! É melhor abrir tudo, por causa do fedor.

Abriu as janelas. À luz, a casa apareceu desarrumada. Uma esteira na sala amontoada de trapos, cestos em cambulhada, chapéus, cacos de garrafa, talheres, a manta de carne atirada a um canto, bolorenta. Entrou no quarto. Tateando, deu com o ferrolho da janela. Abriu-o.

– Virgem Nossa Senhora! – e o campeiro sacudiu os braços freneticamente, tocando as moscas que se levantavam, assanhadas, zumbindo. E viu a face de Tomé Sahyra, denegrida, inchada, com as narinas e a boca infiltradas de gosma purulenta.

– Está podre! É Tio Tomé! Está podre!

E saiu desabalado para o terreiro, com as mãos na boca, atordoado. Tomou fôlego e voltou, disposto a esquadrihar a casa. E foi descobrir a rezadeira na cozinha, deitada no chão, muito encolhida, com o queixo nos joelhos, abraçada à imagem da Conceição.

– Nhá Romana! Nhá Romana!

Acocorou-se. A velha não se movia, gelada, com a imagem muito aconchegada ao peito. Contraía os dedos, pestanejava, e seus olhos esmaecidos, extáticos, fitavam a porta do quarto.

– Nhá Romana!

Tentou levantá-la. A velha debateu-se sem forças e emitiu um gemido surdo:

– Que é? Que é? – agitava a cabeça e sacudia o braço que lhe pendia mole. – A santa? Vancê quer a santa? Ela já vem – levantou um dedo magro e apontou para a porta do quarto, dizendo, num sopro, terna, delicada. – Tá dormindo... Tá dormindo...

E, de olhos parados, a boca entrecerrada, ficou.

Na verde paisagem, ao sol, era grande a alegria dos pássaros e, sobre o telhado da casa, nas árvores, voando alto, em círculo, os urubus pareciam vigiar a presa, negros e silenciosos. Longe, de espaço em espaço, surdamente, tristemente, um touro mugia e, através do campo, dolente, vibrou a primeira badalada do toque de finados.



O campeiro levantou-se em silêncio, tirou o chapéu e ficou ouvindo, religiosamente, de cabeça baixa, imóvel.